



LEVANTAMENTO E PADRÃO DE DISTRIBUIÇÃO DAS PLANTAS EXÓTICAS NA TRILHA DO POÇO PRETO DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU - PR

A. M. Rodolfo; M. Z. Gregorini; J. F. Cândido-Jr; L. G. Temponi

Graduanda, Bacharelado Ciências Biológicas, Unioeste/Cascavel. Professor Doutor, Unioeste/Cascavel.

INTRODUÇÃO

Espécies têm sido introduzidas pelo ser humano, tanto intencionalmente quanto acidentalmente (RICKLEFS, 2003). Estes organismos são conhecidos como “exóticos” por ocorrerem fora da sua área de distribuição natural (CONVENÇÃO DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA, 2001). Estas introduções podem ser desastrosas, aumentando taxas de predação, competição, alterações na dinâmica da comunidade local e extinção de espécies. Muitas vezes, as espécies exóticas se expandem para além do local onde foram introduzidas, sendo consideradas exóticas invasoras (CONVENÇÃO DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA, 2001; RICKLEFS, 2003). As espécies invasoras são consideradas hoje a segunda maior causa de extinção, atrás apenas da fragmentação de habitats, sendo a primeira causa dentro das unidades de conservação (BRASIL, 2007). Nem todas as espécies exóticas tornam-se invasoras. As estimativas variam de 1% (WILLIAMSON *et al.*, 1996) a cerca de 50% (BINGGELI, 2001).

Estudos sobre espécies exóticas invasoras ainda são recentes e insuficientes, principalmente no Brasil. As espécies introduzidas devem ser estudadas com atenção, tendo em vista os problemas ecológicos que podem acarretar. Quando essas espécies são plantas, elas podem ter um papel ainda mais problemático, pois podem alterar um ecossistema no seu nível trófico mais básico.

As plantas invasoras ocorrem nos mais variados tipos de ecossistemas e se apresentam em diferentes hábitos. Geralmente as florestas tropicais pouco perturbadas são menos suscetíveis a invasões. Nesses ambientes, o estabelecimento de espécies exóticas nas bordas ou em clareiras pode não ocorrer, devido ao fechamento do dossel ou à sucessão natural (DISLICH *et al.*, 2001). Entretanto, como a dispersão destas espécies acontece muitas vezes em decorrência das ações humanas, qualquer perturbação no ambiente

natural pode significar uma via de contaminação biológica, seja ela uma clareira trilha, estradas, linhas de transmissão de energia elétrica, etc..

O presente trabalho tem como objetivo principal realizar o levantamento de fanerógamas exóticas na trilha do Poço Preto do Parque Nacional do Iguaçu (PNI), o único remanescente ecologicamente viável da Floresta Estacional Semidecidual do Paraná (IBAMA, 2000). Objetiva também inferir sobre os possíveis processos de invasão, determinar seus padrões gerais de distribuição local, verificar qual o principal método de dispersão dessas espécies e subsidiar a formulação de um plano de ação para ser incorporado ao plano de manejo do PNI, de acordo com as deliberações do Ministério do Meio Ambiente, para prevenir, controlar e erradicar as espécies exóticas.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo - O Parque Nacional do Iguaçu situa-se no extremo oeste do Paraná (25°05' a 25°41' S, 53°40' a 54°38' W). Foi reconhecido como “Patrimônio Natural da Humanidade” em 1986 pela UNESCO (IBAMA, 1999) graças à beleza exuberante das Cataratas do Iguaçu e da natureza ali preservada. O PNI é considerado a maior unidade de conservação no domínio da Mata Atlântica, sendo um dos últimos remanescentes desse tipo de vegetação no sul do país, com 185.262,5ha. A trilha do Poço Preto, amplamente explorada pelo ecoturismo, percorre dois tipos de formações vegetais: Floresta Estacional Semidecídua e Formações Pioneiras Aluviais (IBAMA, 1999).

Levantamento das espécies exóticas - O levantamento das espécies de plantas exóticas foi realizado percorrendo-se os 9km de extensão da trilha. Exemplares das espécies exóticas encontradas foram coletados, herborizados e identificados. Os locais de ocorrência foram

georreferenciados para analisar possíveis padrões de distribuição destas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram levantadas 11 espécies exóticas: *Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle (lima-da-pérsia), *Citrus cf. aurantium* L. (laranja-azedo, laranja-apepu), *Cordyline terminalis* (L.) Kunth (cordilina), *Epipremnum pinnatum* (L.) Engl. (jibóia), *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl. (ameixa), *Heliconia rostrata* Ruiz & Pav. (bananeira-de-jardim), *Hovenia dulcis* Thunb. (uva-do-japão), *Tradescantia zebrina* Heynh. (zebrina), *Psidium guajava* L. (goiaba), *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* (De Wild.) N.E.Br (espada-de-são-jorge), *Impatiens walleriana* Hook.f. (beijinho, maria-sem-vergonha).

Foram detectados dois padrões básicos de distribuição. O primeiro deles foi observado em *Citrus cf. aurantium*. Os indivíduos foram encontrados ao longo de toda trilha, o que pode estar associado à síndrome de dispersão zoocórica. No local, os prováveis dispersores são vertebrados, como cutia (*Dasyprocta aguti* Linnaeus, 1766), macaco-prego (*Cebus nigritus* (Goldfuss, 1809)) entre outros.

Seis espécies, *Cordyline terminalis*, *Epipremnum pinnatum*, *Heliconia rostrata*, *Hovenia dulcis*, *Tradescantia zebrina*, *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* distribuem-se preferencialmente no primeiro quilômetro a partir da entrada da trilha, constituindo-se o segundo padrão. Esse padrão de distribuição sugere que as espécies exóticas estão utilizando a trilha para invadir o ambiente natural, o que também foi observado por Dickens *et al.* (2004).

Quatro outras espécies, *Citrus aurantifolia*, *Eriobotrya japonica*, *Impatiens walleriana* e *Psidium guajava*, foram encontradas em apenas um ponto da trilha e por isso não foi possível estabelecer qualquer padrão de distribuição. Como estas espécies exóticas são consideradas invasoras e ocorrem frequentemente em vários outros pontos do PNI, seu monitoramento na trilha do Poço Preto deve ser priorizado.

A maioria das espécies registradas concentraram-se nas margens da trilha ou a poucos metros no interior da mata, confirmando a tendência das espécies exóticas aproveitarem as alterações no ambiente em decorrência das ações humanas, como estradas, trilhas e clareiras para invadirem estes locais (DICKENS *et al.*, 2004). Três exceções parecem ser *Citrus aurantifolia*, *Citrus cf.*

aurantium e *Hovenia dulcis*, encontradas também distantes das margens da trilha. Essa característica pode estar relacionada com a dispersão dessas espécies, por vertebrados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINGGELI P. The human dimensions of invasive woody plants. In McNeely, J.A. (Ed.) The great reshuffling - Human dimensions of invasive alien species, pp. 145-159. IUCN, Gland. 2001.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Apresentação das Espécies Exóticas Invasoras. Disponível em: < <http://www.mma.gov.br/invasoras/> > . Acesso em: 10 mar. 2007.

Convenção da Diversidade Biológica, INVASIVE ALIEN SPECIES *Status, impacts and trends of alien species that threaten ecosystems, habitats and species*. UNEP/CBD/SBSTTA/6/INF/11- 26/02/2001. Disponível em: <<http://www.biodiv.org/doc/meetings/sbstta/sbstta-06/information/sbstta-06-inf-11-en.pdf>> . Acesso em: 21 mar. 2007.

DISLICH, R.; KISSER, N., PIVELLO, V. R. A invasão de um fragmento florestal em São Paulo (SP) pela palmeira australiana *Archontophoenix cunninghamiana* H. Wendl. & Drude. Rev. Bras. Bot. v.25 n.1 São Paulo mar. 2002.

IBAMA. Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguaçu, resumo executivo. Brasília. 2000.

IBAMA. Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguaçu. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/siucweb/unidades/parna/planos_de_manejo/17/html/index.htm> . Acesso em : 12 mar. 2007. Brasília, 1999.

RICKLEFS, R. E. 2003. Economia da Natureza. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.

WILLIAMSON, M. H.; FITTER, A. The characters of successful invaders. *Biological Conservation* 78, 163-170, 1996.